

Polícia apreende em comitê três listas com nomes de pedetistas

1 JUL 1987

Sarney

Groff só será ouvido hoje

Dois homens, que se identificaram como agentes da Polícia Federal, apreenderam três listas contendo nomes, telefones e endereços de pessoas ligadas ao PDT num antigo comitê eleitoral da vereadora Carmem Cenira, secretária-geral do partido. A busca, realizada sem ordem judicial, foi, segundo os próprios agentes disseram à contadora Maria Luísa de Oliveira Souza, para averiguar denúncias de que do local teriam partido os manifestantes do ato contra o Presidente Sarney da quinta-feira, no Paço Imperial.

Além das listas, foram levadas quatro fitas da campanha de Leonel Brizola para governador e um bandeira do PDT. A Polícia Federal recusou-se a dar informações, mas segundo o ex-secretário de Polícia Civil, Nilo Batista, que coordena a equipe de cinco advogados que defende o bioquímico Danilo Groff, assessor de Leonel Brizola, o delegado Carlos Mandim de Oliveira, encarregado das investigações, "afirmou categoricamente que a busca não fora ordenada pela Polícia Federal ou pela Dops".

"Será que os velhos tempos estão voltando?", indagou Nilo. O advogado disse temer que a Polícia Federal esteja fazendo uma "investigação paralela sobre o PDT, o que seria extremamente grave".

Acusado diz que pediu calma

Apointado por informantes da Polícia Federal como um dos participantes do apedrejamento do ônibus que conduzia o presidente José Sarney, o professor Maurício Pencak, membro da executiva estadual da Central Única dos Trabalhadores, confirmou ter participado da manifestação, mas afirmou que pediu calma, quando as pedras começaram a ser jogadas.

Com um megafone, Maurício foi um dos que coordenaram o protesto desde a Academia Brasileira de Letras, onde Sarney esteve antes de visitar o Paço Imperial. A manifestação, de acordo com o professor, era "pacífica, ordeira e disciplinada", até que as pedras começaram a ser atiradas do meio da multidão.

"As pedras foram uma reação espontânea e incontrolável. Tive de me abaixar para não ser apedrejado", disse Maurício, acrescentando que elas vieram de trás e lá tinha umas 4 mil pessoas. Quem estava na frente não jogou."

O professor inocentou o bioquímico Danilo Groff, ex-assessor do Palácio Guanabara no governo de Leonel Brizola, que está preso na Polícia Federal.

"O Danilo, que estava do meu lado, caiu entre as grades quando a polícia

Maria Luísa de Oliveira é administradora da Cooperativa de Artesanato do Estado do Rio de Janeiro, onde funcionou o Comitê da vereadora Carmem Cenira. Contou que tinha acabado de abrir a sala, que fica no quarto andar do nº 117 da Rua Senador Dantas, quando um policial entrou. O outro agente, vestido com calça e blazer cinzas e camisa social branca, ficou na porta e só entrou dez minutos depois.

Segundo Maria Luísa, o policial perguntou se tinha saído dali um grupo de manifestantes para o ato contra o presidente Sarney e se o escritório servia ao comitê pró-diretas do Rio de Janeiro. "Respondi que não havia nada disso e que desde o fim da campanha não trabalhamos neste sentido".

Os dois homens examinaram os arquivos e papéis existentes na sala, demonstrando-se no material de campanha de Carmem Cenira — de quem Maria Luísa se diz amiga — e do candidato a senador Marcelo Alencar, acumulado num canto da sala. O primeiro policial observou cuidadosamente as fotos e documentos, especialmente as listas com nomes de pessoas envolvidas nas campanhas do partido, que comparava com uma outra relação que trouxera consigo. Ao terminar, ele disse cortesmente que seria obrigado a apreender o material.

começou a bater na gente. Ele estava com as mãos ocupadas, cheias de papéis e com um abaixo-assinado, e ficou imobilizado na grade. Fomos ajudar, tiramos ele de lá e saímos todos correndo", contou.

Maurício afirmou que o protesto contra Sarney começou espontaneamente diante da Academia Brasileira de Letras e só depois que a multidão aumentou, passou a ser coordenado por membros da CUT e do PDT. No seu entender, a Polícia Federal, ao prender Groff, está fazendo do bioquímico bode expiatório.

Estranheza — O presidente do Sindicato dos Urbanitários, Luís Carlos Machado, também apontado como participante do protesto contra Sarney, garantiu que sequer estava no Rio durante o protesto. Disse que vai examinar a lei para tentar a retratação de quem o envolveu na apuração dos distúrbios de quinta-feira.

"Eu estava em Barra do Piraí. Saí do Rio por volta das 15h30min e só cheguei em casa à meia-noite", assegurou Machado, que mora em Jacarepaguá e afirmou ter ido ao município fluminense para conversar com delegados do sindicato sobre a campanha salarial da categoria.

Apesar da presença do diretor-geral do Departamento de Polícia Federal, delegado Romeu Tuma, não foi tomado, como estava previsto, o depoimento do bioquímico Danilo Groff, ex-assessor de Leonel Brizola acusado pelo eletricista Paulo Herrera de ser um dos que apedrejaram o ônibus do presidente José Sarney. O ex-secretário estadual de Polícia Civil, Nilo Batista, um dos advogados de Groff, informou que o depoimento fora transferido para hoje porque o delegado Carlos Madim, do Dops, decidiu colher mais informações sobre os distúrbios de quinta-feira passada, no Paço Imperial.

O depoimento de Groff estava marcado para as 11 horas, mas desde cedo a movimentação era grande, embora nenhuma informação pudesse ser dada. O assessor de comunicação da Polícia Federal, delegado Geovani Azevedo, afirmou apenas que estava proibido de prestar qualquer esclarecimento e que as informações necessárias só seriam dadas pelo Ministério da Justiça. As 10h50min chegou Paulo Herrera, que desceu de uma Rural acompanhado por dois agentes. Dez minutos depois chegaram Nilo Batista e Luis Guilherme Vieira, também advogado de Groff.

Nilo disse que viera acompanhar o depoimento e que não havia pedido *habeas corpus*, já que pretendia estudar melhor o caso. Ao sair, uma hora depois, afirmou que Herrera será responsabilizado judicialmente, se for comprovado que Groff nada teve a ver com apedrejamento do ônibus presidencial.

"Eu tenho certeza de que Danilo Groff não tem nenhuma responsabilidade nesse caso, mas vou aguardar a comprovação disso para ver que medidas tomaremos, já que denúncia falsa é um crime muito grave. Além do mais essa história de atentado com pedra não está me convencendo. A última vez que se soube de algo semelhante foi com uma mulher adúltera e está escrito na Bíblia", ironizou Nilo.

Testemunhas — Ao meio-dia chegaram ao prédio da Superintendência Regional da Polícia Federal a vereadora Dilza Terra e o deputado estadual Aloísio de Oliveira, ambos do PDT, que, junto com outros parlamentares, tentaram ver Groff mas não conseguiram. Também a deputada estadual pelo PC do B, Jandira Feghali esteve na Polícia Federal, mas não se demorou.